

CIRCUITOS TRANSATLÂNTICOS NOS DIÁLOGOS/DEBATES POÉTICOS IBERO-AMERICANOS NO SÉCULO XX

A proposta deste número 39 da revista *Texto poético* tem como uma de suas preocupações a ideia de pensar poéticas transatlânticas dentro do âmbito ibero-americano, sem esquecer-se, obviamente, das vozes imbricadas, dissidentes e convergentes a esse universo. Sendo assim, é inevitável dizer que nestes contextos linguístico-culturais, os diálogos e debates nunca estiveram isentos de tensões e contradições. Uma prova disso é o dossiê que temos diante de nós, em que tais circuitos exibem a potência de suas discussões.

A fim de organizarmos o itinerário do dossiê, propomos dois grandes eixos: da América para Europa e da Europa/ou outros lugares do mundo em circuito.

Para começar o primeiro eixo, temos o artigo de Vagner Camilo (Universidade de São Paulo), “Jorge de Lima, de Cusco ao mapa de ‘A minha América’”, em que o crítico discute o fino equilíbrio entre a adesão do poeta brasileiro Jorge de Lima às propostas modernistas, em sua vertente afro-regional, e suas preocupações de compreensão dos movimentos regionalistas. Dentro desse torvelinho de agendas político-estéticas, o autor destaca o percurso do poema citado como configurador de um projeto mais amplo, no qual o sentido americanista ganha potência, voz e contornos, em que a América não aparece como um monobloco homogêneo, mas “rasgado” (para pensar a noção de mapa físico estabelecido) por distintos debates.

Ao explorar com agudeza e densidade a gênese e as relações do poema no conjunto da obra de Jorge de Lima e no âmbito americano, Vagner Camilo nos apresenta as interlocuções travadas por Jorge de Lima com uma certa linhagem norte-americana da poesia moderna, identificada pelo autor como muito diversa do elenco de interlocutores da vertente hegemônica do Modernismo paulista dos anos 1920, de matriz europeia, predominantemente francesa. Assim, evidencia-se não apenas a diversidade que o movimento modernista assumiu, mas também nos

revela, no poema de Jorge de Lima, o alcance social e político inexistente no modernismo sulista de primeira hora. Entre o estético, político e social, Vagner Camilo expõe as vertentes do modernismo regionalista do Nordeste a que se vincula o poeta alagoano, mostrando-o tingido de uma coloração política peculiar e articulado ao seu panamericanismo, materializado nos versos jorgianos habilmente examinados no artigo em questão.

Na estela de pensar a América e suas distintas “versões” está o texto “Haroldo de Campos e a ‘Sympoética’ Latino-Americana”, de Maria A. Fontes (Università Degli Studi di Padova), em que o exercício crítico e tradutório de Haroldo de Campos é visitado a partir de suas reflexões e diálogos com o âmbito poético hispano-americano. Nesse contexto, as noções de língua, território e nação se conjugam para pensar o conceito de tradução como transcrição, aprofundada em suas relações de recepção e re-apropriação, cujas bases ideológicas, linguísticas, políticas e culturais estabelecem uma relação necessária, uma espécie de “sympoética latino-americana”, nas palavras da autora.

Lançando mão do barroco como grande norte em suas discussões, Maria Fontes evidencia a prática tradutória de Haroldo de Campos enquanto tarefa de “transcriador”, na qual se relacionam tanto suas escolhas de leitura, a partir de uma “apropriação seletiva”, quanto seu trabalho pedagógico, metodológico e intelectual capaz de abranger e revelar sincronicamente poéticas e culturas de épocas tão diversas, em busca de “rupturas” e, sobretudo, de um paralelo entre os vários barrocos do Ocidente e a plasticidade, inclusive, do ideograma.

Dentro desse universo complexo, a autora esmiúça a perspectiva de Campos, fincada em uma preocupação por pensar a pluralidade da literatura latino-americana a partir da leitura e da tradução de outras culturas, buscando respostas críticas à diversidade linguística, ao logocentrismo europeu e à concepção evolutivo-linear da história literária, apontando formas diversas para o diálogo entre países latino-americanos e, inclusive, com a Europa. Portanto, em total consonância

com as discussões propostas por este dossiê em seus distintos circuitos de debates.

Finalizando esse eixo: “Da América para a Europa ou para o mundo em circuito”, encontra-se o texto “Versos escritos n’água’: uma aquarela de Rafael Alberti para Manuel Bandeira”, de Mayra Moreyra Carvalho (Universidade do Estado de Minas Gerais). Em sua discussão, a autora estabelece um debate em torno do discurso epistolar, em que se instaura a imagem como signo de comunicação, para além das palavras como elemento primeiro do diálogo dessa natureza. Apropriando-se das reflexões de Michel Foucault, “A escrita de si”, Mayra Moreyra traça um percurso em que a noção de “comunicação” ganha outros contornos e nos faz revisitar o alcance de distintos conceitos na amplitude da ideia de interlocução epistolar.

A fim de aferir esse contorno diverso no âmbito epistolar, a autora explora as interlocuções poéticas entre Rafael Alberti e Manuel Bandeira a partir de uma aquarela com a qual o espanhol homenageou o brasileiro. Centrada nas primeiras páginas do volume *A la pintura* (1948), de Alberti, que se encontra na biblioteca pessoal de Bandeira, Mayra Moreyra discute com acuidade a estampa de uma imagem cujos contornos lembram a figura de um trovador ou jogral (conceitos tratados pela autora com propriedade em suas diferenças). Em seu percurso analítico, o artigo reconstrói, em detalhe, a imagem de um instrumento de cordas, cuja silhueta em tons pastéis se divisa entre traços que insinuam uma cartografia ibero-americana, que a autora destrincha com precisão.

Já no segundo eixo, os debates seguem com o artigo “Alexandre O’Neill: leitor e divulgador de João Cabral em Portugal”, de Solange Fiuza (Universidade Federal de Goiás), em que se evidencia o importante papel que teve o poeta lisboeta Alexandre O’Neill (1924-1986) na recepção e na divulgação da obra poética do brasileiro João Cabral de Melo Neto em Portugal durante os anos 1960. Poeta de matriz surrealista e postura experimentalista, O’Neill trabalhou em vários jornais da capital portuguesa e também como assistente literário de Guimarães Editores. Foi ali onde, como assinala Solange Fiuza, em 1959, ele indicou o livro *Quaderna*,

de João Cabral, para que se publicasse na coleção 'Poesia e Verdade'. Ao explorar a correspondência entre Alexandre O'Neill e o próprio Cabral, ademais de rastrear em várias bibliotecas públicas e privadas os exemplares de outro livro do brasileiro, *Duas águas*, Fiuza destaca a importância que teve a publicação de *Quaderna* na recepção da poesia de João Cabral no panorama português. No artigo se exibem as reações do mundo intelectual português somadas à admiração e o apreço de poetas como Sophia de Mello Breyner (Porto, 1919 - Lisboa, 2004). Em seu exame de relações estéticas e sociais, Solange Fiuza evidencia a contribuição de O'Neill para que Cabral tivera em Portugal a recepção crítica que merecia, o que continuará ocorrendo pelas mãos de O'Neill, que divulgará a publicação de *Poemas escolhidos* em 1963 e posteriormente com a representação, em Lisboa, Porto e Coimbra, de *Morte e Vida Severina* interpretada pelo grupo de Teatro da Universidade Católica de São Paulo, o TUCA. Graças a este trabalho crítico e de divulgação da obra do poeta brasileiro, João Cabral de Melo Neto não só chega a Portugal, mas também opera um impacto importante na formação de outros poetas e criadores de interesse, traçando um caminho criativo exemplar que se insirena tradição literária portuguesa, aqui finamente resgatado por Solange Fiuza.

Também preocupado pela ação e importância de João Cabral no espaço ibero-americano, o artigo "Amizades ilustradas: João Cabral de Melo Neto e o grupo Dau Al Set", de Margareth dos Santos (Universidade de São Paulo) explora as redes de sociabilidade entre o poeta brasileiro e o grupo catalão de vanguarda, Dau Al Set.

Em suas cartas do final dos anos 1940, enquanto atuava como vice-cônsul em Barcelona, João Cabral contextualiza a situação política e sociocultural da Espanha através da produção cultural e artística de um grupo de jovens intelectuais catalães. Entre eles estavam Joan Ponç, Joan Brossa, Antoni Tàpies e o filósofo Arnau Puig, todos ativos na vida cultural da época com publicações clandestinas como *Algol* e *Dau Al Set*. Ao aceitar escritos na língua catalã, além do espanhol e do francês, estas revistas enfrentavam a homologação da política do regime franquista. Neste contexto, João Cabral se destaca em sua atuação a favor destes

jovens catalães e se converte em uma figura de referência para eles. O poeta os apoia, por exemplo, emprestando-lhes livros de escritores espanhóis exilados e de autores marxistas, editando e divulgando suas obras e propondo tertúlias sobre o papel da arte como veículo de transformação social, sem perder de vista a questão estética. Ao mesmo tempo, Margareth Santos nos mostra como João Cabral foi fundamental também para a cultura brasileira na Espanha, já que graças a seu trabalho cultural e político introduziu muitas obras de poetas brasileiros em Barcelona e em Madri, mudando o sentido tradicional da influência: tratava-se de um latino-americano que interferia na arte e na literatura peninsular.

Essa circulação de ideias e obras entre o universo brasileiro e o peninsular será fundamental para a identificação de Dau Al Set com a literatura e estética brasileiras. Estes circuitos de criação que nasceram e se fundamentaram a partir de uma relação de amizade contribuíram de maneira decisiva tanto para a formação política e estética do grupo de jovens artistas como para que o poeta pernambucano se convertesse em uma figura decisiva na cena sociocultural espanhola dos anos 1950.

Finalizando o dossiê, temos o artigo “A poesia de Fernando Ferreira de Loanda – um diálogo com a poesia portuguesa”, de Gabriella Araújo Duarte Mello Vieira e Joelma Santana Siqueira, ambas da Universidade Federal de Viçosa, que nos revela as relações estreitas que o poeta, editor e empresário Fernando Ferreira de Loanda (Angola, 1924 - Rio de Janeiro, 2002), fundador da revista *Orfeu* e vinculado à geração de 45, teve com a literatura portuguesa e os vários poetas e intelectuais espanhóis e hispano-americanos ao longo de sua vida. Trata-se de um estudo preliminar que pretende resgatar a figura de Ferreira de Loanda, sua importância na difusão da poesia brasileira e sua própria obra poética, ainda pouco conhecida. O estudo rememora Ferreira de Loanda como editor, sobretudo pelo trabalho que realizou à frente da revista *Orfeu* e as edições antológicas *Panorama da poesia brasileira* (1951), *Antologia da nova poesia brasileira* (1965) e *Antologia da moderna poesia brasileira* (1967). No entanto, o artigo não deixa de lado o fato de que Loanda também foi poeta: ao longo de sua vida escreveu quatro poemários, *Equinócio* (1953), *Do amor e do*

mar (1964), *Kuala Lumpur* (1991) e *Signo da serpente* (2000), nos quais se exhibe o diálogo que, como autor, Fernando Ferreira de Loanda sempre buscou com a tradição da poesia de matriz portuguesa e hispânica. Tal diálogo se vê claramente nos poemas dedicados a vários intelectuais do âmbito latino-americano, como, por exemplo, o Prêmio Nobel mexicano Octavio Paz, com quem travou uma profunda amizade. Ainda que se trate de um trabalho de natureza preliminar, como indicado no artigo, nos proporciona informação útil para estimular próximos estudos sobre a vida e obra de Fernando Ferreira de Loanda e suas relações com a América hispânica e Portugal.

Como se pode observar, este dossiê da *Texto poético*, a partir dessa sólida arquitetura de artigos, espera contribuir para os debates poéticos com diversas abordagens e configurações exemplares de diálogos, tensões e contradições no âmbito literário ibero-americano no século XX.

Aos textos que compõem o dossiê segue-se a *Vária*, composta por três artigos. O primeiro deles, “Sentimentos de contraste e sintomas de vitalidade: lendo Giuseppe Ungaretti”, de Patrícia Peterle (Universidade Federal de Santa Catarina), também se centra nos trânsitos culturais, desta vez entre Brasil e Itália, ao examinar o modo como o poeta italiano Giuseppe Ungaretti (1888-1970), que, no período de 1937 a 1942, atuou como professor da cátedra de Língua e Literatura Italiana da recém fundada Universidade de São Paulo, incorporou a experiência da realidade brasileira, apreendida em suas tensões e contradições, à sua poesia posterior. Segundo a articulista, apesar de Ungaretti não publicar poemas nos 6 anos em que viveu no Brasil – silêncio que é também expressão de dor pela perda do filho –, os sentimentos contrastantes que seduzem e fascinam o poeta em sua vivência brasileira depois de alguns anos puderam ser convertidos em experiência poética da pátria adotada, que o próprio poeta definiu como sua “pátria humana”.

Já no texto “Que almejo em ti – a outra margem: poesia e estrangeiridade em Max Martins”, Leila Melo Coroa (Universidade Estadual de Campinas) e Mayara Ribeiro Guimarães (Universidade Federal do Pará) realizam um estudo da poesia do artista paraense, autor

de uma dezena de livros publicados em vida, de uma extensa produção plástica e que conta com uma recepção crítica que inclui nomes como Benedito Nunes, David Arrigucci, Luiz Costa Lima, Eduardo Sterzi, Marcos Siscar, entre outros. Tomando como eixo de leitura o tema da estranheira, presente desde o livro de estreia de Max Martins e que se aprofunda ao longo de sua obra, as autoras consideram poemas do amplo arco histórico da produção do poeta, compreendida entre 1951 e 2001, e examinam a maneira de o poema colocar em questão a própria poesia em seu efeito de estranhamento.

Fecha a Vária “A história textual e a primeira recepção de *O Prelúdio*, de William Wordsworth”, assinado por Angiuli Copetti de Aguiar. No artigo, o crítico recompõe a narrativa da construção desse poema que passou por sucessivas revisões e reescrituras e contou com o louvor e o encorajamento de Coleridge, seu primeiro leitor. Publicado postumamente, em 1850, quando seu autor já era apreciado pelo público e pela crítica, o poema não foi bem acolhido pelos leitores vitorianos. Apenas no século XX houve uma reconsideração de *Prelúdio*, que passou a ser tomado como obra central de Wordsworth.

Vinculadas ao dossiê, este número da *Texto Poético* traz ainda duas entrevistas. Na primeira delas, Arnaldo Saraiva, professor emérito da Universidade do Porto, criador da cadeira de Literatura Brasileira nessa universidade e estudioso que fez da nossa literatura “uma casa e uma causa”, fala aos organizadores deste dossiê sobre as relações dos modernismos brasileiro e português, o ensino da literatura brasileira em Portugal, os poetas brasileiros mais lidos hoje no país lusitano, o seu fascínio pela literatura brasileira, entre outras questões de interesse.

A segunda entrevista é com a poeta, professora, editora e narradora Elsa López. Nascida na Guiné Equatorial, atualmente reside na ilha canária de La Palma, mas viveu durante muitos anos em Madri, lugar onde exerceu um papel ativo na vida política e cultural do país ibérico. Nessa entrevista, Elsa apresenta sua percepção sobre o papel da voz na criação poética, desde o momento do nascimento da ideia do texto à sua realização

vocal na performance pública. Nesse âmbito, a poeta ainda reflete sobre o impacto da transmissão da poesia através da leitura em voz alta.

Assim chegamos ao final deste número, em que buscamos evidenciar o diálogo poético transatlântico através das relações pessoais, influências recíprocas e diversas obras de autores ibero-americanos do século XX. Estendemos a reflexão para outros trânsitos poéticos, levando o leitor para diferentes contextos geográficos e socioculturais. Esperamos que as linhas de pesquisa apresentadas nesta publicação possam estimular mais estudos sobre as relações poéticas entre as duas costas do Atlântico.

Solange Fiuza^{*}

Margareth Santos^{**}

Alessandro Mistrorigo^{***}

* Professora Titular da Universidade Federal de Goiás/UFG, Goiânia, Goiás, Brasil. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: solfiuza@gmail.com. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-2458-8676>

** Professora doutora de literatura espanhola. Departamento de Letras Modernas. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, Brasil. Email:marsanto@usp.br Orcid:<https://orcid.org/0000-0001-9792-0353>

*** Professor Titular da Universidade Ca' Foscari de Veneza, Itália. E-mail: alessandro.mistrorigo@unive.it Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-2720-7779>